

LIBERALISMO NA AMÉRICA DO SUL

O tropeço do presidente Mauricio Macri nas eleições argentinas representa uma ameaça ao avanço das ideias de livre mercado no continente?

Macri não é liberal



PEDRO DE CESARO

Presidente do IEE
presidencia@iee.com.br

Denominar o mandato do presidente da Argentina, Mauricio Macri, de liberal é piada de mau gosto ou falta de conhecimento. No primeiro semestre de seu governo, Macri implementou algumas medidas de cunho liberal, como o fim do “cepo” cambial, criado pelos Kirchner, que consistia no controle pelo governo do mercado de câmbio, e também a abolição do controle de preços e tarifas, os chamados “precios cuidados”, que eram, na prática, um congelamento das tarifas de serviços públicos. Mas a cartilha liberal do presidente Macri não foi muito adiante.

A Argentina pós-era Kirchner (2003-2015) foi entregue a Macri completamente combatida. Conforme dados da Universidade de Harvard, os argentinos, em 2014, estavam mais pobres do que em 1998 e, segundo dados do Unicef, ao final do último mandato de Cristina, a pobreza geral na Argentina atingia quase 30% da população. Em 1895, a Argentina tinha o maior PIB per capita do mundo, maior do que o dos EUA e o do Reino Unido, e quase nove vezes maior do que do Brasil à época. Até 1940, a Argentina era a sexta maior economia do mundo. Mas os diversos governos peronistas afundaram o país.

Para sair dessa crise abrupta, a medicação indicada, infelizmente, deveria ser muito amarga para os hermanos. No entanto, não foi receitada. Assim, como nos últimos governos peronistas, os gastos públicos não cessaram e levaram a um aumento do

déficit público, coberto com a impressão de moeda pelos governos populistas. Ao ligarem as impressoras e criarem moeda artificialmente, geraram inflação.

Corte nos gastos públicos, controle do déficit fiscal, restrição na expansão monetária com consequente controle da inflação, privatizações, diminuição de regulamentações e burocracias, abertura do mercado para maior concorrência entre as empresas, tudo o que manda a cartilha liberal não foi realizado na Argentina.

Agora, para tentar vencer a eleição, Macri dá uma guinada

“
O populismo
ganhou
mais uma
vez na
Argentina

da total à esquerda no melhor estilo peronista. Implementou congelamento de preços, aumento do salário mínimo pela segunda vez no ano, bônus para os trabalhadores e ajuda para pequenas e médias empresas.

O populismo ganhou mais uma vez na Argentina, não importando o candidato que saia vencedor em outubro. Ayn Rand, uma das principais referências liberais e escritora favorita de Macri, deve estar se revirando no caixão por não ter ensinado a lição liberal.

Revival do efeito Orloff

FERNANDO FERRARI FILHO

Professor titular aposentado da UFRGS, pesquisador do CNPq e professor visitante da Washington and Lee University
ferrari@ufrgs.br



Como se sabe, os governos de Mauricio Macri (centro-direita), Dilma Rousseff (centro-esquerda) e Michel Temer (centro), objetivando assegurar os “fundamentos macroeconômicos”, quais sejam, equilíbrios fiscal e externo, e, por consequência, criar condições para o crescimento econômico sustentável, adotaram políticas de austeridades fiscal e monetária, implementaram reformas estrutural-institucionais pró-mercado, desregularam setores econômicos e privatizaram algumas empresas públicas. Os resultados das referidas medidas, especialmente as relacio-

solução dos problemas econômicos passam, necessariamente, por um choque de liberalismo, ou seja, Estado mínimo e soberania da “mão invisível” do mercado, três reflexões e uma especulação.

Em relação às reflexões, primeiro, desde a crise financeira internacional de 2007-2008, o *modus operandi* da economia mundial tem sido caracterizado pelo intervencionismo do Estado e dos bancos centrais, e não por uma agenda econômica liberal, como propõem Macri e Bolsonaro. Segundo, para que Argentina e Brasil consigam equacionar a crise fiscal, reverter a estagnação econômica e reduzir a alta taxa de desemprego, são necessárias medidas que despertem, conforme argumentava J.M. Keynes, o *animal spirits* dos agentes econômicos. Para tanto, são imprescindíveis (i) políticas monetária e fiscal contracíclicas, (ii) reformas estruturais, tais como “desprivatização” do Estado, e tributária, (iii) parcerias público-privadas e (iv) políticas institucionais, entre as quais industrial e tecnológica. Terceiro, o liberalismo de Macri não agravou os problemas econômicos da Argentina, bem como fez com que a probabilidade de ele não ser reeleito seja muito elevada (no último 11 de agosto, o candidato oposicionista à presidência da Argentina venceu com larga vantagem as eleições primárias).

Quanto à especulação, a partir da situação atual dos hermanos, podemos ter um revival do “efeito Orloff”, ou seja, o futuro do Brasil de Bolsonaro passa pela Argentina de Macri em 2019?

“
O futuro do Brasil
de Bolsonaro
passa pela
Argentina de
Macri em 2019?

nadas às austeridades fiscal e monetária, foram responsáveis pelo recrudescimento dos desequilíbrios fiscais e endividamentos públicos de ambos os países, bem como contribuíram para as crises econômicas da Argentina e do Brasil entre 2015 e 2018 (nesse período, o crescimento médio do PIB da Argentina foi de 1,1% ao ano, enquanto o PIB da economia brasileira acumulou uma queda da ordem de 5%).

Diante do exposto e considerando que os governos Macri e Jair Bolsonaro entendem que a